

## A INTERMIDIALIDADE COMO UM CAMPO INDEPENDENTE ENTREVISTA COM THAÍS FLORES NOGUEIRA DINIZ

ANA CLÁUDIA MUNARI DOMINGOS\*  
ana.c.munari@gmail.com

Em uma edição dedicada aos Estudos de Intermidialidade, levando à frente o nome de Lars Elleström (*In Memoriam*), não poderia ser outro o nome da entrevistada. Para mim, é uma honraria imensa trazer essa pequena conversa com aquela que é carinhosamente chamada de a madrinha da Intermidialidade no Brasil, criadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa Intermídia (CNPq).

### Sobre Thaís Flores Nogueira Diniz

Thaís Flores Nogueira Diniz tem pós-doutorado em Estudos Fílmicos na Universidade de Londres e doutorado em Literatura Comparada. É professora aposentada colaboradora do Programa de pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. Além da organização de livros sobre a intermidialidade, a professora tem publicado, em revistas no Brasil e no exterior, artigos relacionados com a intermidialidade.

Algumas de suas principais obras:

DINIZ, Thaís F. N.. (2021). From the Sacred to the Profane: Yinka Shonibare's Last Supper. In Pawelec, A.; Shaw, A.; Szpila, G. (Orgs.), *Text-Image-Music: Crossing the Borders* (pp. 433-444). Berlin, Bern, Bruxelles: Peter Lang.

DINIZ, Thaís. F. N.; VIEIRA, A. S. (Orgs.) (2012) . *Intermidialidade e Estudos Interartes: Desafios da arte contemporânea vol.2*. Belo Horizonte: Rona Editora - FALE/UFMG.

DINIZ, T. F. N. (2005). *Literatura e Cinema: Tradução, hipertextualidade, reciclagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2891259327805135>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4726-8536>

### Entrevista com Thaís Flores Nogueira Diniz

**Ana Cláudia Munari Domingos:** Como criadora do primeiro grupo de pesquisa em Intermidialidade no Brasil, hoje um grupo consolidado no CNPq, a senhora é considerada

---

\* Professora Adjunta, Universidade de Santa Cruz do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Cruz do Sul, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6629-588X>

uma precursora da área no país e mesmo nas relações dos estudos brasileiros com outros países. Como começou essa jornada?

**Thaís Flores Nogueira Diniz:** Esta jornada começou ao me submeter a um estágio de Doutorado Sanduiche na Universidade de Indiana, Bloomington, nos Estados Unidos. Naquela época meu interesse se concentrava nas relações entre literatura (especificamente teatro) e cinema. Encontrei no site da MLA o nome do professor Claus Clüver que me aceitou como co-orientador. Minha tese de doutorado tratou de filmes adaptados de *King Lear*, de William Shakespeare. Já doutora, ao convidar o professor a vir ao Brasil para ministrar um curso na pós-graduação, fiquei encantada com a sua abordagem que não se limitava a adaptações para o cinema, mas analisava diversos tipos de textos transpostos de uma mídia para outra ou produzidos em mídias diferentes. Sua preocupação com a “tradução intersemiótica” incluía transposições/ interrelações de vários tipos de textos e incluía mídias diversas. Antes de ele voltar aos Estados Unidos, criamos juntos o Grupo de Pesquisa, o *Intermedia*. Comecei, então, a participar de congressos na área e, conseqüentemente, a conhecer pesquisadores que tinham o mesmo interesse.

**A. Domingos:** Como se desenvolvem as atividades colaborativas do grupo Intermídia e como participar dele? Pesquisadores estrangeiros são aceitos?

**T. Diniz.:** O grupo se reúne uma vez por mês, atualmente apenas *on line*, por causa da pandemia. As reuniões são muito ricas porque várias atividades acontecem. Fizemos apresentação e discussão de vários textos teóricos de interesse dos membros do grupo. Além disso, fazemos traduções desses textos e os publicamos em forma de livros. Organizamos colóquios e jornadas. No momento estamos elaborando um glossário com termos usados em nossas pesquisas. Cada membro é responsável por um termo e faz um levantamento de sua origem, histórico, significados, etc . Os resultados estão sendo publicados em forma de vídeo-cápsulas, algumas das quais já disponibilizadas no nosso último colóquio, mas depois serão publicados em formato de livro. Durante os encontros, também são feitos avisos e convites aos membros para participação em congressos e publicações. Para fazer parte do grupo, basta ter um projeto de pesquisa relacionado à intermedialidade. Pesquisadores estrangeiros são bem vindos e alunos de graduação e pós-graduação também, mas, neste último caso, deverão ter, como orientador, um membro do grupo.

**A. Domingos.:** A intermedialidade é um espaço de encontro de diferentes campos do saber, como se dão essas relações, elas têm um centro?

**T. Diniz:** Sua pergunta merece uma abordagem bem complexa, mas vou tentar respondê-la sucintamente. Para definir intermedialidade, temos de pensar em dois caminhos: como um conceito e como uma ferramenta de análise. Como conceito, a intermedialidade inclui todos os tipos de interrelação entre as mídias, sejam eles de transposição, de combinação ou de referência. Como ferramenta, a intermedialidade serve para analisar os produtos midiáticos, concebidos em uma ou mais mídias. Nesse caso, os produtos serão desdobrados e os processos de sua formação, transmissão e recepção serão verificados. Além disso, muitas vezes um elemento midiático aparece sutilmente em um determinado produto e cabe ao pesquisador descobrir seu processo de inserção na configuração a ser analisada.

**A. Domingos:** Muitos pesquisadores adentram os estudos em Intermidialidade a partir da Literatura Comparada; outros, partindo dos estudos interartes. A Intermidialidade é um campo autônomo hoje? Como se resolvem esses vínculos a partir, por exemplo, das áreas de fomento, que exigem vínculo a áreas específicas, como Letras, Literatura, Linguística?

**T. Diniz:** Embora não seja o ideal, a Intermidialidade, em várias universidades, não é um campo autônomo e ainda está ligada à Literatura Comparada. Entretanto, a exemplo de universidades como a de Graz, na Austria, e as de Lund e Växjö, na Suécia, que oferecem cursos em Intermidialidade, grupos de pesquisa dedicados a esse tema estão surgindo e agregando membros de várias áreas. Esperamos que muitos outros grupos surjam, pressionando as universidades a reconhecerem a intermidialidade como um campo independente, uma vez que o fenômeno não é limitado à literatura e abrange muitas outras áreas de conhecimento. Por enquanto, imagino que as agências de fomento aceitem solicitações, mesmo que seja para atividades da intermidialidade, a partir da área de origem do solicitante.

**A. Domingos:** Na área de Letras, muitos acadêmicos relutam em considerar os estudos de midialidade em suas pesquisas. Qual seria a hipótese para essa espécie de desconfiança? A senhora tem alguma sugestão para esses pesquisadores?

**T. Diniz:** Acredito que essa relutância vem da antiguidade em que se considerava a palavra superior à imagem. Esses acadêmicos, que se prendem ao texto puramente verbal, se esquecem de que a comunicação, principalmente na contemporaneidade, se faz também por outros meios. Minha sugestão seria apresentar-lhes essa constatação e provar que as disciplinas da Faculdade de Letras se destinam, em sua maioria, a habilidades de comunicação e expressão, como, até recentemente, era denominada a disciplina nas escolas de primeiro grau.

**A. Domingos:** A necessidade de que o letramento inclua as questões de midialidade é indiscutível, como a Intermidialidade colabora para essa pedagogia?

**T. Diniz:** Como para a intermidialidade a mídia está relacionada à comunicação, as escolas deveriam, desde os anos mais elementares, ensinar as crianças a interpretar mensagens contidas em ilustrações, por exemplo, o que, para elas, já é usual. Já os alunos mais adiantados, mergulhados nos produtos culturais contemporâneos, muitas vezes concebidos em mídias, deveriam aprender a se comunicar também por outros meios, que não o da escrita, e analisar mensagens contidas nesses produtos.

**A. Domingos:** As diretrizes para a educação no Brasil, sobretudo a nova BNCC, já tem sinalizado para as novas formas de comunicação, sobretudo as digitais. Nos cursos de licenciatura, no entanto, essas diretrizes não parecem estar sendo seguidas, criando-se uma lacuna na formação dos professores. É preciso atualizar os currículos? Que sugestões a senhora daria para essa questão, tendo em conta que o letramento no Brasil ainda é uma área bastante problemática?

**T. Diniz:** Em 2000, quando fui coordenadora do Colegiado de Graduação da Faculdade de Letras da UFMG, o currículo da nossa Faculdade e o de algumas outras unidades, sofreu modificações, entre elas, a necessidade de incluir disciplinas e atividades de outras áreas na formação dos alunos. Foi um passo muito grande em direção à interdisciplinaridade. É claro que ainda não significou que a intermidialidade passou a

fazer parte dos currículos, mas levando em conta que o próprio governo se preocupa com saberes diversificados, quem sabe daqui a algum tempo o Brasil não conte mais com analfabetos (em todos os sentidos)?

**A. Domingos:** Para aqueles que desejam iniciar os estudos em Intermidialidade, que obras a senhora sugere?

**T. Diniz:** Sugiro que, para iniciar, se eleja um teórico-- seja ele Claus Clüver, Irina Rajewsky, Werner Wolf, Lars Elleström, ou outro— e se leia alguns de seus textos e algumas análises que utilizaram sua teoria. Depois, será fácil e desejável que se possa comparar os diversos teóricos e os textos que os utilizaram como base. Aí então, ter-se-á a competência para escolher a teoria a partir do texto/configuração que se propõe a analisar. As obras que contém textos traduzidos pelo grupo e trabalhos apresentados em nossos colóquios constituem um bom começo de leitura.

*Por email entre Nova Petrópolis (RS, Brasil) e Belo Horizonte (MG, Brasil), 25 de janeiro de 2022.*